

**LIRA DOS VINTE ANOS**  
**(poemas escolhidos)**  
**Alvares de Azevedo**

**SONHANDO**

*Hier, la nuit d'été, que nous prêtait ses voiles,  
Était digne de toi, tant elle avait d'étoiles!*  
V. Hugo

Na praia deserta que a lua branqueia,  
Que mimo! que rosa! que filha de Deus!  
Tão pálida – ao vê-la meu ser devaneia,  
Sufoco nos lábios os hálitos meus!  
Não corras na areia,  
Não corras assim!  
Donzela, onde vais?  
Tem pena de mim!

A praia é tão longa! E a onda bravia  
As roupas de gaza te molha de espuma;  
De noite – aos serenos – a areia é tão fria,  
Tão úmido o vento que os ares perfuma!  
És tão doentia!  
Não corras assim!  
Donzela, onde vais?  
Tem pena de mim!

A brisa teus negros cabelos soltou,  
O orvalho da face te esfria o suor;  
Teus seios palpitam – a brisa os roçou,  
Beijou-os, suspira, desmaia de amor!  
Teu pé tropeçou...  
Não corras assim!  
Donzela, onde vais?  
Tem pena de mim!

E pálido mimo da minha paixão  
Num longo soluço tremeu e parou;  
Sentou-se na praia; sozinha no chão  
A mão regelada no colo pousou!  
Que tens, coração,  
Que tremes assim?  
Cansaste, donzela?  
Tem pena de mim!

Deitou-se na areia que a vaga molhou,  
Imóvel e branca na praia dormia;  
Mas nem os seus olhos o sono fechou  
E nem o seu colo de neve tremia.  
O seio gelou?...  
Não durmas assim!  
Ó pálida fria,  
Tem pena de mim!

Dormia – na frente que níveo suar!  
Que mão regelada no lânguido peito!  
Não era mais alvo seu leito do mar,  
Não era mais frio seu gélido leito!  
Nem um rressonar!...  
Não durmas assim!  
Ó pálida fria,  
Tem pena de mim!

Aqui no meu peito vem antes sonhar  
Nos longos suspiros do meu coração:  
Eu quero em meus lábios teu seio aquestrar,  
Teu colo, essas faces, e a gélida mão...  
Não durmas no mar!  
Não durmas assim.  
Estátua sem vida,  
Tem pena de mim!

E a vaga crescia seu corpo banhando,  
As cândidas formas movendo de leve!  
E eu vi-as suave nas águas boiando  
Com soltos cabelos nas roupas de neve!  
Nas vagas sonhando  
Não durmas assim;  
Donzela, onde vais?  
Tem pena de mim!

E a imagem da virgem nas águas do mar  
Brilhava tão branca no límpido véu!  
Nem mais transparente luzia o luar  
No ambiente sem nuvens da noite do céu!  
Nas águas do mar  
Não durmas assim!  
Não morras, donzela;  
Espera por mim!

## O POETA

*Um souvenir heureux est peut-être sur terre*

*Plus vrai que l'he bonheur.*

A. Musset

Era uma noite – eu dormia  
E nos meus sonhos revia  
As ilusões que sonhei!  
E no meu lado senti...  
Meu Deus! Por que não morri?  
Por que no sono acordei?

No meu leito – adormecida,  
Palpitante e abatida,  
A amante de meu amor!  
Os cabelos rescendendo  
Nas minhas faces correndo  
Como o luar numa flor!

Senti-lhe o colo cheiroso  
Arquejando sequioso;  
E nos lábios, que entr'abria  
Lânguida respiração,  
Um sonho do coração  
Que suspirando morria!

Não era um sonho mentido;  
Meu coração iludido  
O sentiu e não sonhou:  
E sentiu que se perdia  
Numa dor que não sabia...  
Nem ao menos a beijou!

Soluçou o peito ardente,  
Sentiu que a alma demente  
Lhe desmaiava a tremer;  
Embriagou-se de enleio,  
No sono daquele seio  
Pensou que ele ia morrer!

Que divino pensamente,  
Que vida num só momento  
Dentro do peito sentiu...  
Não sei... Dorme no passado  
Meu pobre sonho doirado...  
Esperança que mentiu!

Sabem as noites do céu  
E as luas brancas sem véu  
As lágrimas que eu chorei!

Contem do vale as florinhas  
Esse amor das noites minhas!  
Elas sim...eu não direi!

E se eu tremendo, senhora,  
Viesse pálido agora  
Lembrar-vos o sonho meu,  
Com a fronte descorada  
E com a voz sufocada  
Dizer-vos baixo – Sou eu!

Sou eu! que não esqueci  
A noite que não dormi,  
Que não foi uma ilusão!  
Sou eu que sinto morrer  
A esperança de viver...  
Que o sinto no coração! –

Riríeis das esperanças,  
Das minhas loucas lembranças,  
Que me desmaiam assim?  
Ou então, de noite, a medo  
Choraríeis em segredo  
Uma lágrima por mim?

\*

### **A T...**

*No amor basta uma noite para fazer de  
Um homem um Deus.*

Propércio

Amoroso palor meu rosto inunda,  
Mórbida languidez me banha os olhos,  
Ardem sem sono as pálpebras doridas,  
Convulsivo tremor meu corpo vibra:  
Quanto sofro por ti! Nas longas noites  
Adoeço de amor e de desejos  
E nos meus sonhos desmaiando passa  
A imagem voluptuosa da ventura...  
Eu sinto-a de paixão encher a brisa,  
Embalsamar a noite e o céu sem nuvens,  
E ela mesma suave descorando  
Os alvacentos véus soltar do colo,  
Cheirosas flores desparzir sorrindo  
Da mágica cintura.  
Sinto na fronte pétalas de flores,  
Sinto-as nos lábios e de amor suspiro,  
Mas flores e perfumes embriagam,  
E no fogo da febre, e em meu delírio

Embebem na minh'alma enamorada  
Delicioso veneno.  
Estrela de mistério! em tua fronte  
Os céus revela, e mostra-me na terra,  
Como um anjo que dorme, a tua imagem  
E teus encantos onde amor estende  
Nessa morena tez a cor de rosa  
Meu amor, minha vida, eu sofro tanto!  
O fogo de teus olhos me fascina,  
O langor de teus olhos me enlanguesce,  
Cada suspiro que te abala o seio  
Vem no meu peito enlouquecer minh'alma!  
Ah! vem pálida virgem, se tens pena  
De quem morre por ti, e morre amando,  
Dá vida em teu alento à minha vida,  
Une nos lábios meus minh'alma à tua!  
Eu quero ao pé de ti sentir o mundo  
Na tu'alma infantil; na tua fronte  
Beijar a luz de Deus; nos teus suspiros  
Sentir as virações do paraíso;  
E a teus pés, de joelhos, crer ainda  
Que não mente o amor que um anjo inspira,  
Que eu posso na tu'alma ser ditoso,  
Beijar-te nos cabelos soluçando  
E no teu seio ser feliz morrendo!

Dezembro de 1851.

\*

## C...

Oh! não tremas! que este olhar, este abraço te digam o que é inefável – abandonar-se sem receio, inebriar-se de uma voluptuosidade que deve ser eterna.

Goëthe, *Fausto*

Sim – coroemos as noites  
Com as rosas do himeneu;  
Entre flores de laranja  
Serás minha e serei teu!

Sim – quero em leito de flores  
Tuas mãos dentro das minhas...  
Mas os círios dos amores  
Sejam só as estrelinhas.

Por incenso os teus perfumes,  
Suspiros por oração,  
E por lágrimas, somente  
As lágrimas da paixão!

Dos véus da noiva só tenhas  
Dos cílios o negro véu;  
Basta do colo o cetim  
Para as Madonas do céu!

Eu soltarei-te os cabelos...  
Quero em teu colo sonhar!  
Hei de embalar-te... do leito  
Seja lâmpada o luar!

Sim – coroemos as noites  
Da laranjeira co'a flor;  
Adormeçamos num templo.  
Mas seja o templo do amor.

É doce amar como os anjos  
Da ventura no himeneu;  
Minha noiva, ou minh'amante,  
Vem dormir no peito meu!

Dá-me um beijo – abre teus olhos  
Por entre esse úmido véu;  
Se na terra és minha amante,  
És a minha alma no céu!

## **ADEUS, MEUS SONHOS!**

Adeus, meus sonhos, eu pranteio e morro!  
Não levo da existência uma saudade!  
E tanta vida que meu peito enchia  
Morreu na minha triste mocidade!

Missérrimo! votei meus pobres dias  
À sina doida de um amor sem fruto,  
E minh'alma na treva agora dorme  
Como um olhar que a morte envolve em luto.

Que me resta, meu Deus? Morra comigo  
A estrela de meus cândidos amores,  
Já que não levo no meu peito morto  
Um punhado sequer de murchas flores!

\*

## **POR QUE MENTIAS?**

Por que mentias leviana e bela?  
Se minha face pálida sentias  
Queimada pela febre, e minha vida  
Tu vias desmaiar, por que mentias?

Acordei da ilusão, a sós morrendo  
Sinto na mocidade as agonias.  
Por tua causa desespero e morro...  
Leviana sem dó, por que mentias?

Sabe Deus se te amei! Sabem as noites  
Essa dor que alentei, que tu nutrias!  
Sabe esse pobre coração que treme  
Que a esperança perdeu porque mentias!

Vê minha palidez – a febre lenta  
Esse fogo das pálpebras sombrias...  
Pousa a mão no meu peito! Eu morro! eu morro!  
Leviana sem dó, por que mentias?

\*

## SAUDADES

'T is vain to struggle – let me perish young.  
Byron

Foi por ti que num sonho de ventura  
A flor da mocidade consumi,  
E às primaveras disse adeus tão cedo  
E na idade do amor envelheci!

Vinte anos! derramei-os gota a gota  
Num abismo de dor e esquecimento...  
De fogosas visões nutri meu peito...  
Vinte anos!... não vivi um só momento!  
Contudo, no passado uma esperança!  
Tanto amor e ventura prometia,  
E uma virgem tão doce, tão divina  
Nos sonhos junto a mim adormecia!...

.....

Quando eu lia com ela – e no romance  
Suspirava melhor ardente nota,  
E Jocelyn sonhava com Laurence  
Ou Werther se morria por Carlota,

Eu sentia a tremer, e a transluzir-lhe  
Nos olhos negros a alma inocentinha,  
E uma furtiva lágrima rolando  
Da face dela umedecer a minha!

E quantas vezes não dormi sonhando  
Eterno amor, eternas as venturas,  
E que o céu ia abrir-se, e que entre os anjos  
Eu ia despertar em noites puras?

Foi esse o amor primeiro – requeimou-me  
As artérias febris da juventude,  
Acordou-me dos sonhos da existência  
Na harmonia primeira do alaúde!

.....

Meu Deus! e quantas eu amei... Contudo  
Das noites voluptuosas da existência  
Só restam-me saudades dessas horas  
Que iluminou tua alma d'inocência!

Foram três noites só... três noites belas  
De lua e de verão, no val saudoso...  
Que eu pensava existir... sentindo o peito



Sobre teu coração morrer de gozo!

E por três noites padeci três anos,  
Na vida cheia de saudade infinda...  
Três anos de esperança e de martírio...  
Três anos de sofrer – e espero ainda!

A ti se ergueram meus doridos versos,  
Reflexos sem calor de um sol intenso:  
Votei-os à imagem dos amores  
Pra velá-las nos sonhos como incenso!

Eu sonhei tanto amor, tantas venturas,  
Tantas noites de febre e d'esperança!  
Mas hoje o coração desbota, esfria,  
E do peito no túmulo descansa!

Pálida sombra dos amores santos,  
Passa, quando eu morrer, no meu jazido;  
Ajoelha-te ao luar e canta um pouco,  
E lá na morte eu sonharei contigo!

\*

### VIRGEM MORTA

*Oh! make her a grave where the sun beams rest,  
When they promise a glorious morrow!  
They'll shine o'er sleep, like a smile from the West,  
From her own lov'd island of sorrow.*  
Thomas Moore

Lá bem na extrema da floresta virgem,  
Onde na praia em flor o mar suspira,  
E, quando geme a brisa do crepúsculo  
Mais poesia do arrebol transpira;

Nas horas em que a tarde moribunda  
As nuvens roxas desmaiando corta,  
No leito mole da molhada areia  
Manso repousem a beleza morta.

Irmã chorosa a suspirar desfolhe  
No seu dormir da laranjeira as flores,  
Vistam-na de cetim, e o véu de noiva  
Lhe desdobrem da face nos palores.

Vagueie em torno, de saudosas virgens,  
Errando à noite a lamentosa turma;  
Nos cânticos de amor e de saudade

Junto às ondas do mar a virgem durma.

À brisa da saudade suspirando  
Aí, na tarde misteriosa e bela,  
Entregarei as cordas do alaúde  
E irei meus sonhos prantear por ela!

Quero eu mesmo de rosa o leito encher-lhe  
E de amorosos prantos perfumá-la,  
E a essência dos cânticos divinos,  
No túmulo da virgem derramá-la.

Que importa que ela durma descorada,  
E velasse o palor a cor do pejo?  
Quero a delícia que amor sonhava,  
Nos lábios dela presentir num beijo.

Desbotada coroa do poeta,  
Foi ela mesma quem prendeu-te flores...  
Ungiu-as no savrário de seu peito  
Indaa virgem do alento dos amores...

Na minha frente riu de ti passando  
Dos sepulcros o vento peregrino...  
Irei eu mesmo desfolhar-te agora  
Da frente dela no palor divino!...

E contudo eu sonhava! E pressuroso  
Da esperança o licor sorvi sedento!  
Ah! que tudo passou! só tenho agora  
O sorriso de um anjo macilento!

---

Ó minha amante, minha doce virgem,  
Eu não te profanei, e dormes pura:  
No sono do mistério, qual na vida,  
Podes sonhar apenas na ventura.

Bem cedo ao menos eu serei contigo  
- Na dor do coração a morte leio...  
Poderei amanhã, talvez, meus lábios  
Da irmã dos anjos, encostar no seio...

E tu, vida que amei! pelos teus vales  
Com ela sonharei eternamente,  
Nas noites junto ao mar, e no silêncio,  
Que das notas enchi da lira ardente!...

Dorme ali minha paz, minha esperança,  
Minha sina de amor morreu com ela,  
E o gênio do poeta, lira eólia  
Que tremia ao alento da donzela!

Qu'esperanças, meu Deus! E o mundo agora  
Se inunda em tanto sol no céu da tarde!  
Acorda, coração!... Mas no meu peito  
Lábio de morte murmurou – É tarde!

É tarde! e quando o peito estremecia  
Sentir-se abandonado e moribundo!  
É tarde! é tarde! ó ilusões da vida,  
Morreu com ela da esperança o mundo!...

No leito virginal de minha noiva  
Quero, nas sombras do verão da vida,  
Prantear os meus únicos amores,  
Das minhas noites a visão perdida!

Quero ali, ao luar, sentir passando  
Por alta noite a viração marinha,  
E ouvir, bem junto às flores do sepulcro,  
Os sonhos de sua alma inocentinha.

E quando a mágoa devorar meu peito,  
E quando eu morra de esperar por ela,  
Deixai que eu durma ali e que descanse,  
Na morte ao menos, junto ao seio dela!

\*

### **LEMBRANÇA DE MORRER**

*No more! O never more!*  
Shelley

Quando em meu peito rebentar-se a fibra,  
Que o espírito enlaça à dor vivente,  
Não derramem por mim nem uma lágrima  
Em pálpebra demente.

E nem desfolhem na matéria impura  
A flor do vale que adormece ao vento:  
Não quero que uma nota de alegria  
Se cale por meu triste passamento.

Eu deixo a vida como deixa o tédio  
Do deserto, o poente caminheiro

- Como as horas de um longo pesadelo  
Que se desfaz ao dobre de um sineiro;

Como o desterro de minh'alma errante,  
Onde fogo insensato a consumia:  
Só levo uma saudade – é desses tempos  
Que amorosa ilusão embelecia.

Só levo uma saudade – é dessas sombras  
Que eu sentia velar nas noites minhas...  
De ti, ó minha mãe! pobre coitada  
Que por minha tristeza te definhas!

De meu pai... de meus únicos amigos,  
Poucos – bem poucos – e que não zombavam  
Quando, em noites de febre endoidecido,  
Minhas pálidas crenças duvidavam.

Se uma lágrima as pálpebras me inunda,  
Se um suspiro nos seios treme ainda.  
É pela virgem que sonhei... que nunca  
Aos lábios me encostou a face linda!

Só tu à mocidade sonhadora  
Do pálido poeta deste flores...  
Se viveu, foi por ti! E de esperança  
De na vida gozar de teus amores.

Beijarei a verdade santa e nua,  
Verei cristalizar-se o sonho amigo...  
Ó virgem dos errantes sonhos,  
Filha do céu, eu vou amar contigo!

Descansem o meu leito solitário  
Na floresta dos homens esquecida,  
À sombra de uma cruz, e escrevam nela:  
- Foi poeta – sonhou- e amou na vida. –

Sombras do vale, noites da montanha,  
Que minh'alma cantou e amava tanto,  
Protegei o meu corpo abandonado,  
E no silêncio derramai-lhe canto!

Mas quando preludia ave d'aurora  
E quando à meia-noite o céu repousa,  
Arvoredos do bosque, abri os ramos...  
Deixai a lua pratear-me a lousa!

## IDÉIAS ÍNTIMAS

### (fragmento)

*La chaise où je m'assieds, la natte où je me couche,  
La table où je t'écris,.....*

*Mes gros souliers ferrés, mon bâton, mon chapeau,  
Mes livres pêle-mêle entassés sur leur planche,*

*De cet espace étroit son tout l'ameublement.  
Lamartine, Jocelyn*

## VI

Junto a meu leito, com as mãos unidas,  
Olhos fitos no céu, cabelos soltos,  
Pálida sombra de mulher formosa  
Entre nuvens azuis pranteia orando.  
É um retrato talvez. Naquele seio  
Porventura sonhei doiradas noites:  
Talvez sonhando desatei sorrindo  
Alguma vez nos ombros perfumados  
Esses cabelos negros, e em delíquo  
Nos lábios dela suspirei tremendo.  
Foi-se a minha visão. E resta agora  
Aquela vaga sombra na parede  
- Fantasma de carvão e pó cerúleo,  
Tão vaga, tão extinta e fumarenta  
Como de um sonho o recordar incerto.

## VII

Em frente do meu leito, em negro quadro,  
A minha amante dorme. É uma estampa  
De bela adormecida. A rósea face  
Parece em visos de um amor lascivo  
De fogos vagabundos acender-se...  
E com a nívea mão recata o seio...  
Oh! quantas vezes, ideal mimoso,  
Não encheste minh'alma de ventura,  
Quando louco, sedento e arquejante,  
Meus tristes lábios imprimi ardentes  
No ponto vidro que te guarda o sono!

## VIII

O pobre leito meu desfeito ainda  
A febre aponta da noturna insônia.  
Aqui lânguido a noite debati-me  
Em vãos delírios anelando um beijo...

E a donzela ideal nos róseos lábios,  
No doce berço do moreno seio  
Minha vida embalou estremecendo...  
Foram sonhos contudo. A minha vida  
Se esgota em ilusões. E quando a fada  
Que diviniza meu pensar ardente  
Um instante em seus braços me descansa  
E roça a medo em meus ardentes lábios  
Um beijo que de amor me turva os olhos,  
Me ateia o sangue, me enlanguesce a fronte,  
Um espírito negro me desperta,  
O encanto do meu sonho se evapora  
E das nuvens de nácar da ventura  
Rolo tremendo à solidão da vida!

## IX

Oh! ter vinte anos sem gozar de leve  
A ventura de uma alma de donzela!  
E sem na vida ter sentido nunca  
Na suave atração de um róseo corpo  
Meus olhos turvos se fechar de gozo!  
Oh! nos meus sonhos, pelas noites minhas  
Passam tantas visões sobre meu peito!  
Palor de febre meu semblante cobre,  
Bate meu coração com tanto fogo!  
Um doce nome os lábios meus suspiram,  
Um nome de mulher... e vejo lânguida  
No véu suave de amorosas sombras  
Seminua, abatida, a mão no seio,  
Perfumada visão romper a nuvem,  
Sentar-se junto a mim, nas minhas pálpebras  
O alento fresco e leve como a vida  
Passar delicioso... Que delírios!  
Acordo palpitante... inda a procuro;  
Embalde a chamo, embalde as minhas lágrimas  
Banham meus olhos, e suspiro e gemo...  
Imploro uma ilusão... tudo é silêncio!  
Só o leito deserto, a sala muda!  
Amorosa visão, mulher dos sonhos,  
Eu sou tão infeliz, eu sofro tanto!  
Nunca um raio de luz desses teus olhos?

## XII

Aqui sobre esta mesa junto ao leito  
Em caixa negra dois retratos guardo.  
Não os profanem indiscretas vistas.  
Eu beijo-os cada noite: neste exílio

Venero-os juntos e os prefiro unidos  
- Meu pai e minha mãe. – Se a acaso um dia  
Na minha solidão me acharem morto,  
Não os abra ninguém. Sobre meu peito  
Lancem-os em meu túmulo. Mais doce  
Será certo o dormir da noite negra  
Tendo no peito essas imagens puras.

### XIII

Havia uma outra imagem que seu sonhava  
No meu peito na vida e no sepulcro.  
Mas ela não o quis... rompeu a tela  
Onde eu pintara meus doirados sonhos.  
Se posso no viver sonhar com ela,  
Essa trança beijar de seus cabelos  
E essas violetas inodoras, murchas,  
Nos lábios frios compimir chorando,  
Não poderei na sepultura, ao menos,  
Sua imagem divina Ter no peito.

### XIV

Parece que chorei... Sinto na face  
Uma perdida lágrima rolando...  
Satã leve a tristeza! Olá, meu pajem,  
Derrama no meu copo as gotas últimas  
Dessa garrafa negra...

Eia! bebamos!  
És o sangue do gênio, o puro néctar  
Que as almas de poeta diviniza,  
O condão que abre o mundo das magias!  
Vem, feroso *Cognac*! É só contigo  
Que sinto-me viver. Inda palpito,  
Quando os eflúvios dessas gotas áureas  
Filtram no sangue meu correndo vida,  
Vibram-me os nervos e as artérias queimam,  
Os meus olhos ardentes se escurecem  
E no cérebro passam delirosos  
Assomos de poesia... Dentre a sombra  
Vejo num leito d'ouro a imagem dela  
Palpitante, que dorme e que suspira,  
Que seus braços me estende...

Eu me esquecia:  
Faz-se noite; traz fogo e dois charutos  
E na mesa do estudo acende a lâmpada...

**É ELA! É ELA! É ELA! É ELA!**

É ela! é ela! – murmurou tremendo,  
E o eco ao longe murmurou – é ela!  
Eu a vi minha fada aérea e pura –  
A minha lavadeira na janela!

Dessas águas-furtadas onde eu moro  
Eu a vejo estendendo no telhado  
Os vestidos de chita, as saias brancas;  
Eu a vejo e suspiro enamorado!

Esta noite eu ousei mais atrevido  
Nas telhas que estalavam nos meus passos  
Ir espiar seu venturoso sono,  
Vê-la mais bela de Morfeu nos braços!

Como dormia, que profundo sono!...  
Tinha na mão o ferro do engomado...  
Como roncava maviosa e pura!...  
Quase caí na rua desmaiado!

Afastei a janela, entrei medroso:  
Palpitava-lhe o seio adormecido...  
Fui beijá-la... roubei do seio dela  
Um bilhete que estava ali metido...

Oh! de certo... (pensei) é doce página  
Onde a alma derramou gentis amores;  
São versos dela... que amanhã de certo  
Ela me enviará cheio de flores...

Tremi de febre! Venturosa folha!  
Quem pousasse contigo neste seio!  
Como Otelo beijando a sua esposa,  
Eu beijei-a a tremer de devaneio...

É ela! é ela! – repeti tremendo;  
Mas cantou nesse instante uma coruja...  
Abri cioso a página secreta...  
Oh! meu Deus! era um rol de soupa suja!

Mas se Werther morreu por ver Carlota  
Dando pão com manteiga às criancinhas,  
Se achou-a assim mais bela – eu mais te adoro  
Sonhando-te a lavar as camisinhas!

É ela! é ela! meu amor, minh'alma,  
A Laura, a Beatriz que o céu revela...



É ela! é ela! – murmurei tremendo,  
E o eco ao longe suspirou – é ela!

\*

## ***SPLEEN E CHARUTOS***

### **I**

#### **Solidão**

Nas nuvens cor de cinza do horizonte  
A lua amarelada a face embuça;  
Parece que tem frio, e no seu leito  
Deitou, para dormir, a carapuça.

Ergueu-se, vem da noite a vagabunda  
Sem xale, sem camisa e sem mantilha,  
Vem nua e bela procurar amantes;  
É doida por amor da noite a filha.

As nuvens são uns frades de joelhos,  
Rezam adormecendo no oratório;  
Todos têm o capuz e bons narizes  
E parecem sonhar o refeitório.

As árvores prateiam-se na praia,  
Qual de uma fada os mágicos retiros...  
Ó lua, as doces brisas que sussurram  
Coam os lábios teus como suspiros!

Falando ao coração que nota aérea  
Deste céu, destas águas se desata?  
Canta assim algum gênio adormecido  
Das ondas mortas no lençol de prata?

Minh'alma tenebrosa se entristece.  
É muda como sala mortuária...  
Deito-me só e triste, sem ter fome  
Vendo na mesa a ceia solitária.

Ó lua, ó lua bela dos amores,  
Se tu és moça e tens um peito amigo,  
Não me deixes assim dormir solteiro,  
À meia-noite vem cear comigo!

## II

### Meu anjo

Meu anjo tem o encanto, a maravilha,  
Da espontânea canção dos passarinhos;  
Tem os seios tão alvos, tão macios  
Como pêlo sedoso dos arminhos.

Triste de noite na janela a vejo  
E de seus lábios o gemido escuto.  
É leve a criatura vaporosa  
Como a frouxa fumaça de um charuto.

Parece até que sobre a fronte angélica  
Um anjo lhe depôs coroa e nimbo...  
Formosa a vejo assim entre meus sonhos  
Mais bela no vapor do meu cachimbo.

Como o vinho espanhol, um beijo dela  
Entorna ao sangue a luz do paraíso.  
Dá morte um desdém, num beijo vida,  
E celestes desmaios num sorriso!

Mas quis a minha sina que seu peito  
Não batesse por mim nem um minuto,  
E que ela fosse leviana e bela  
Como a leve fumaça de um charuto!

## III

### Vagabundo

*Eat, drink, and love; what can the rest avail us?*  
Byron, *Don Juan*

Eu durmo e vivo ao sol como um cigano,  
Fumando meu cigarro vaporoso;  
Nas noites de verão namoro estrelas;  
Sou pobre, sou mendigo e sou ditoso!

Ando roto, sem bolsos, nem dinheiro;  
Mas tenho na viola uma riqueza:  
Canto à lua de noite serenatas,  
E quem vive de amor não tem pobreza.

Não invejo ninguém, nem ouço a raiva  
Nas cavernas do peito, sufocante,  
Quando à noite na treva em mim se entornam  
Os reflexos do baile fascinante.

Namoro e sou feliz nos meus amores;

Sou garboso e rapaz... Uma criada  
Abrasada de amor por um soneto  
Já um beijo me deu subindo a escada...

Oito dias lá vão que ando cismado  
Na donzela que ali defronte mora.  
Ela ao ver-me sorri tão docemente!  
Desconfio que a moça me namora!...

Tenho por meu palácio as longas ruas;  
Passeio a gosto e durmo sem temores;  
Quando bebo, sou rei como um poeta,  
E o vinho faz sonhar com os amores.

O degrau das igrejas é meu trono,  
Minha pátria é o vento que respiro,  
Minha mãe é a lua macilenta,  
E a preguiça a mulher por quem suspiro.

Escrevo na parede as minhas rimas,  
De painéis a carvão adorno a rua;  
Como as aves do céu e as flores puras  
Abro meu peito ao sol e durmo à lua.

Sinto-me um coração de *lazzaroni*;  
Sou filho do calor, odeio o frio,  
Não creio no diabo nem nos santos...  
Rezo a Nossa Senhora e sou vadio!

Ora, se por aí alguma bela  
Bem doirada e amante da preguiça  
Quiser a nívea mão unir à minha,  
Há de achar-me na Sé, Domingo, à missa.

#### IV A lagartixa

A lagartixa ao sol ardente vive  
E fazendo verão o corpo espicha;  
O clarão de teus olhos me dá vida,  
Tu és o sol e eu sou a lagartixa.

Amo-te como o vinho e como o sono,  
Tu és meu copo e amoroso leito...  
Mas teu néctar de amor jamais se esgota,  
Travesseiro não há como teu peito.

Posso agora viver: para coroas  
Não preciso no prado colher flores;

Engrinaldo melhor minha fronte  
Nas rosas mais gentis de teus amoress.

Vale todo um harém a minha bela,  
Em fazer-me ditoso ela capricha...  
Vivo ao sol de seus olhos namorados,  
Como ao sol de verão a lagartixa.

## V

### **Luar de verão**

O que vês, trovador? – Eu vejo a lua  
Que sem lavar a face ali passeia;  
No azul do firmamento inda é mais pálida  
Que em cinzas do fogão uma candeia.

O que vês. Trovador? – No esguio tronco  
Vejo erguer-se o chinó de uma noqueira...  
Além se entorna a luz sobre um rochedo  
Tão liso como um pau de cabeleira.

Nas praias lisas a maré enchente  
S'espraia cintilante d'ardentia...  
Em vez de aromas as doiradas ondas  
Respiram efluviosa maresia!

O que vês, trovador? – No céu formoso  
Ao sopro dos favônios feiticeiros  
Eu vejo – e tremo de paixão ao vê-las –  
As nuvens a dormir, como carneiros.

E vejo além, na sombra do horizonte,  
Como viúva moça envolta em luto,  
Brilhando em nuvem negra estrela viva  
Como na treva a ponta de um charuto.

Teu romantismo bebo, ó minha lua,  
A teus raios divinos me abandono,  
Torno-me vaporoso... e só de ver-te  
Eu sinto os lábios meus se abrir de sono.

## VI

### **O poeta moribundo**

Poetas! amanhã ao meu cadáver  
Minha tripa cortai mais sonora!...  
Façam dela uma corda e cantem nela  
Os amores da vida esperançosa!

Cantem esse verão que me alentava...  
O aroma dos currais, o bezerrinho,  
As aves que na sombra suspiravam,  
E os sapos que cantavam no caminho!

Coração, por que tremes? Se esta lira  
Nas minhas mãos sem força desafina,  
Enquanto ao cemitério não te levam,  
Casa no marimbau a alma divina!

Eu morro qual nas mãos da cozinheira  
O marreco piando na agonia...  
Como o cisne de outrora... que gemendo  
Entre os hinos de amor se enternecia.

Coração, por que tremes? Vejo a morte,  
Ali vem lazarenta e desdentada...  
Que noiva!... E devo então dormir com ela?  
Se ela ao menos dormisse mascarada!

Que ruínas! que amor petrificado!  
Tão antediluviano e gigantesco!  
Ora, façam idéia que ternuras  
Terá essa lagarta posta ao fresco!

Antes mil vezes que dormir com ela,  
Que dessa fúria o gozo, amor eterno  
Se ali não há também amor de velha,  
Dêem-me as caldeiras do terceiro inferno!

No inferno estão suavíssimas belezas,  
Cleópatras, Helenas, Eleonoras;  
Lá se namora em boa companhia,  
Não pode haver inferno com Senhoras!

Se é verdade que os homens gozadores,  
Amigos de no vinho ter consolos,  
Foram com Satanás fazer colônia,  
Antes lá que do Céu sofrer os tolos!

Ora! e forcem um'alma qual a minha,  
Que no altar sacrifica ao Deus-Preguiça,  
A cantar ladainha eternamente  
E por mil anos ajudar a missa!

## NAMORO A CAVALO

Eu moro em Catumbi! Mas a desgraça  
Que rege minha vida malfadada,  
Pôs lá no fim da rua do Catete  
A minha Dulcinéia namorada.

Alugo (Três mil-réis) por uma tarde  
Um cavalo de trote (que esparrela!)  
Só para erguer meus olhos suspirando  
À minha namorada na janela...

Todo o meu ordenado vai-se em flores  
E em lindas folhas de papel bordado,  
Onde eu escrevo trêmulo, amoroso,  
Algum verso bonito... mas furtado.

Morro pela menina, junto dela  
Nem ousa suspirar de acanhamento...  
Se ela quisesse eu acabava a história  
Como toda a Comédia – em casamento...

Ontem tinha chovido... Que desgraça!  
Eu ia a trote inglês ardendo em chama,  
Mas lá vai senão quando uma carroça  
Minhas roupas tafuis encheu de lama...

Eu não desanimei. Se Dom Quixote  
No Rocinante erguendo a larga espada  
Nunca voltou de medo, eu, mais valente.  
Fui mesmo sujo ver a namorada...

Mas eis que no passar pelo sobrado,  
Onde habita nas lojas minha bela,  
Por ver-me tão lodoso ela irritada  
Bateu-me sobre as ventas a janela...

O cavalo ignorante de namoros  
Entre dentes tomou a bofetada,  
Arrepia-se, pula, e dá-me um tombo  
Com pernas para o ar, sobre a calçada...

Dei ao diabo os namoros. Escovado  
Meu chapéu que sofrera no pagode,  
Dei de pernas corrido e cabisbixo  
E berrando de raiva como um bode.

Circunstância agravante. A calça inglesa  
Rasgou-se no cair de meio a meio,

O sangue pelas ventas me corria  
Em paga do amoroso devaneio!...

\*

### MINHA DESGRAÇA

Minha desgraça, não, não é ser poeta,  
Nem na terra de amor não Ter um eco,  
E meu anjo de Deus, o meu planeta  
Tratar-me como trata-se um boneco...

Não é andar de cotovelos rotos,  
Ter duro como pedra o travesseiro...  
Eu sei... O mundo é um lodaçal perdido  
Cujo sol (quem mo dera!) é o dinheiro...

Minha desgraça, ó cândida donzela,  
O que faz que o meu peito assim blasfema,  
É ter para escrever todo um poema  
E não ter um vintém para uma vela.

\*

### MEU SONHO

**Eu**

Cavaleiro das armas escuras,  
Onde vais pelas trevas impuras  
Com a espada sangüenta na mão?  
Por que brilham teus olhos ardentes  
E gemidos nos lábios frementes  
Vertem fogo do teu coração?

Cavaleiro, quem és? o remorso?  
Do corcel te debruças no dorso...  
E galopas do vale através...  
Oh! da estrada acordando as poeiras  
Não escutas gritar as caveiras  
E morder-te o fantasma nos pés?

Onde vais pelas trevas impuras,  
Cavaleiro das armas escuras,  
Macilento qual morto na tumba?...  
Tu escutas... Na longa montanha  
Um tropel teu galope acompanha?  
E um clamor de vingança retumba?

Cavaleiro, quem és? – que mistério,

Quem te força da morte no império  
Pela noite assombrada a vagar?

### **O fantasma**

Sou o sonho de tua esperança,  
Tua febre que nunca descansa,  
O delírio que te há de matar!...

\*

Minha musa é a lembrança  
Dos sonhos em que eu vivi,  
É de uns lábios a esperança  
E a saudade que eu nutri!  
É a crença que alentei,  
As luas belas que amei,  
E os olhos por quem morri!

Os meus cantos de saudade  
São amores que eu chorei:  
São lírios da mocidade  
Que murcham porque te amei!  
As minhas notas ardentes  
São lágrimas dementes  
Que em teu seio derramei!

Do meu outono os desfolhos,  
Os astros do teu verão,  
A languidez de teus olhos  
Inspiram minha canção.  
Sou poeta porque és bela,  
Tenho em teus olhos, donzela,  
A musa do coração!

Se na lira voluptuosa  
Entre as fibras que estalei  
Um dia atei uma rosa  
Cujo aroma respeirei...  
Foi nas noites de ventura,  
Quando em tua formosura  
Meus lábios embriaguei!

E se tu queres, donzela,  
Sentir minh'alma vibrar,  
Solta essa trança tão bela,  
Quero nela suspirar!  
Descansa-me no teu seio.  
Ouvirás no devaneio



A minha lira acantar!

\*

## MALVA-MAÇÃ

A P...

De teus seios tão mimosos  
Quem gozasse o talismã!  
Quem ali deitasse a fronte  
Cheia de amoroso afã!  
E quem nele respirasse  
A tua malva-maçã!

Dá-me essa folha cheirosa  
Que treme no seio teu!  
Dá-me a folha... hei de beijá-la  
Sedenta no lábio meu!  
Não vês que o calor do seio  
Tua malva emurcheceu?...

A pobrezinha em teu colo  
Tantos amores gozou,  
Viveu em tanto perfume  
Que de enlevos expirou!  
Quem pudesse no teu seio  
Morrer como ela murchou!

Teu cabelo me inebria,  
Teu ardente olhar seduz;  
A flor de teus olhos negros  
De tu'alma raia à luz,  
E sinto nos lábios teus  
Fogo do céu transluz!

O teu seio que estremece  
Enlanguede-me de gozo.  
Há um quê de tão suave  
No colo voluptuoso,  
Que num trêmulo delíquio  
Faz-me sonhar venturoso!

Descansar nesses teus braços  
Fora angélica ventura:  
Fora morrer - nos teus lábios  
Aspirar tu'alma pura!  
Fora se Deus dar-te um beijo  
Na divina formosura!

Mas o que eu peço, donzela,  
Meus amores, não é tanto!  
Basta-me a flor do seio  
Para que eu viva no encanto,  
E em noites enamoradas  
Eu verta amoroso pranto!

Oh! virgem dos meus amores,  
Dá-me essa folha singela!  
Quero sentir teu perfume  
Nos doces aromas dela...  
E nessa malva-maçã  
Sonhar teu seio, donzela!

Uma folha assim perdida  
De um seio virgem no afã  
Acorda ignotas doçuras  
Como divino talismã!  
Dá-me do teu seio esta folha,  
A tua malva-maçã!

Quero apertá-la a meu peito  
E beijá-la com ternura...  
Dormir com ela nos lábios,  
Desse aroma na frescura...  
Beijando-a sonhar contigo  
E desmaiar de ventura!

A folha que tens no seio  
De joelhos pedirei...  
Se posso viver sem ela  
Não o creio!... oh! eu não sei!...  
Dá-me pelo amor de Deus,  
Que sem ela morrerei!...

Pelas estrela da noite,  
Pelas brisas da manhã,  
Por teus amores mais puros,  
Pelo amor de tua irmã,  
Dá-me essa folha cheirosa...  
- A tua malva-maçã!

\*

## OH! NÃO MALDIGAM!

Oh! não maldigam o mancebo exausto  
Que na orgia gastou o peito insano,  
Que foi ao lupanar pedir um leito  
Onde a sede febril lhe adormecesse!

Não podia dormir! nas longas noites  
Pediú ao vício os beijos de veneno:  
E amou a saturnal, o vinho, o jogo  
E a convulsão nos seios da perda!

Misérrimo! não creu!... Não o maldigam,  
Se uma sina fatal o arrebatava:  
Se na torrente das paixões dormindo  
Foi naufragar nas solidões do crime.

Oh! não maldigam o mancebo exausto  
Que no vício embalou, a rir, os sonhos,  
Que lhe manchou as perfumadas tranças  
Nos travesseiros da mulher sem brio!

Se ele poeta nodoou seus lábios  
É que fervia um coração de fogo,  
E da matéria a convulsão impura  
A voz do coração emudecia!

E quando pela manhã da longa insônia  
Do leito profanado ele se erguia,  
Sentindo a brisa lhe beijar no rosto  
E a febre arrefecer nos roxos lábios;

E o corpo adormecia e repousava  
Na serenada relva da campina,  
E as aves da manhã em torno dele  
Os sonhos do poeta acalentavam;

Vinha um anjo de amor uni-lo ao peito;  
Vinha uma nuvem derramar-lhe a sombra,  
E a alma que chorava a infâmia dele  
Secava o pranto e suspirava ainda!

\*

## À MINHA MÃE

És tu, alma divina, essa Madona  
Que nos embala na manhã da vida,  
Que ao amor indolente se abandona

E beija uma criança adormecida;

No leito solitário és tu quem vela  
Trêmulo o coração que a dor anseia,  
Nos ais do sofrimento inda mais bela  
Pranteando sobre uma alma que pranteia;

E se pálida sonhas na ventura  
O afeto virginal, da glória o brilho,  
Dos sonhos no luar, a mente pura  
Só delira ambições pelo teu filho!

Pensa em mim, como em ti saudoso penso,  
Quando a lua no mar se vai doirando:  
Pensamento de mãe é como o incenso  
Que os anjos do Senhor beijam passando.

Criatura de Deus, ó mãe saudosa,  
No silêncio da noite e no retiro  
A ti voa minh'alma esperançosa  
E do pálido peito o meu suspiro!

Oh! ver meus sonhos se mirar ainda  
De teus sonhos nos mágicos espelhos!  
Viver por ti de uma esperança infinda  
E sagrar meu porvir nos teus joelhos!

E sentir que essa brisa que murmura  
As saudades da mãe bebeu passando!  
E adormecer de novo na ventura  
Aos sonhos d'oiro o coração voltando!

Ah! se eu não posso respirar no vento,  
Que adormece no vale das campinas,  
A saudade da mãe no desalento,  
E o perfume das lágrimas divinas,

Ide ao menos, de amor meus pobres cantos,  
No dia festival em que ela chora,  
Com ela suspirar nos doces prantos,  
Dizer-lhe que também eu sofro agora!

Se a estrela-d'alva, a pérola do dia,  
Que vê o pranto que meu rosto inunda,  
Meus ais na solidão lhe não confia  
E não lhe conta minha dor profunda,

Que a flor do peito desbotou na vida  
E o orvalho da febre requeimou-a;

Que nos lábios da mãe na despedida  
O perfume do céu abandonou-a!...

Mas não irei turvar as alegrias  
E o júbilo da noite sussurrante,  
Só porque a mágoa desnuou meus dias,  
E zombou de meus sonhos delirantes.

Tu bem sabes, meu Deus! eu só quisera  
Um momento sequer lhe encher de flores,  
Contyarlhe que não finda a primavera,  
A doirada estação dos meus amores;

Desfolhando da pálida coroa  
Do amor do filho a perfumada flor  
Na mão que o embalou, que o abençoa,  
Uma saudosa lágrima depor!

Sufocando a saudade que delira  
E que as noites sombrias me consome,  
O nome dela perfumar na lira,  
De amor e sonhos coroar seu nome!...

\*

### **SE EU MORRESSE AMANHÃ!**

Se eu morresse amanhã, viria ao menos  
Fechar meus olhos minha triste irmã;  
Minha mãe de saudades morreria  
Se eu morresse amanhã!

Quanta glória pressinto em meu futuro!  
Que aurora de porvir e que manhã!  
Eu perdera chorando essas coroas  
Se eu morresse amanhã!

Que sol! que céu azul! que doce n'alva  
Acorda a natureza mais louçã!  
Não me batera tanto amor no peito  
Se eu morresse amanhã!

Mas essa dor da vida que devora  
A ânsia de glória, o dolorido afã...  
A dor no peito emudecera ao menos  
Se eu morresse amanhã!

\*

## TERESA

*Je l'ayme tant que je n'ose l'aymer.*  
Clément Marot

Quando junto de mim Teresa dorme,  
Escuto o seio dela docemente:  
Exalam-se dali notas aéreas,  
Não sei quê de amoroso e de inocente!

Coração virginal é um alaúde  
Que dorme no silêncio e no retiro...  
Basta o roçar das mãos do terno amante,  
Para exalar suavíssimo suspiro!

Nas almas em botão, nesse crepúsculo  
Que da infante e da flor abre a corola,  
Murmuram leve os trêmulos sentidos,  
Como ao sopro do vento uma viola.

Diz – amor! – essa voz da lira interna,  
É suspiro de flor que o vento aagita,  
Vagos desejos, ânsia de ternura,  
Uma brisa de aurora que palpita.

Como dorme inocente esta criança!  
Qual flor que abriu de noite o níveo seio,  
E se entrega da aragem aos amores,  
Nos meus braços dormita sem receio.

O que eu adoro em ti é no teu rosto  
O angélico perfume da pureza;  
São teus quinze anos numa frente santa  
O que eu adoro em ti, minha Teresa!

São os louros anéis de teus cabelos,  
O esmero da cintura pequenina,  
Da face a rosa viva, e de teus olhos  
A safira que a alma te ilumina!

É tua forma aérea e duvidosa  
- Pudor d'infante e virginal enleio;  
Corpo suave que nas roupas brancas  
Revela apenas que desponta o seio.

Eu seii, mimosa, que tu és um anjo  
E vives de sonhar, como as Ondinas,  
E és triste como a rola, e quando dormes  
Do peito exalas músicas divinas!

Ah! perdoa este beijo! eu te amo tanto!  
Eu vivo de tua alma na fragrância...  
Deixa abrir-te num beijo as flores d'alma,  
Deixa-me respirar na tua infância!

Não acordes tão cedo! enquanto dormes  
Eu posso dar-te beijos em segredo...  
Mas, quando nos teus olhos raia a vida,  
Não ousa te fitar... eu tenho medo!

Enquanto dormes, eu te sonho amante,  
Irmã de serafins, doce donzela;  
Sou teu noivo... respiro em teus cabelos  
E teu seio venturas me revela...

Deliro... junto a mim eu creio ouvir-te  
O seio a suspirar, teu ai mais brando,  
Pouso os lábios nos teus; no teu alento  
Volta minha pureza suspirando!

Teu amor como o sol apura e nutre;  
Exala fresquidão e doce brisa;  
É uma gota do céu que aroma os lábios  
E o peito regenera e suaviza.

Quanta inocência dorme ali com ela!  
Anjo desta criança, me perdoa!  
Estende em minha amante as asas brancas,  
A infância no meu beijo abandonou-a!

\*

## PEDRO IVO

*Tristes coroas, sob as quais às vezes  
Está gravada uma inscrição d'infâmia.*  
Alexandre Herculano

Perdoai-lhe, Senhor! ele era um bravo!  
Fazia as faces descorar do escravo  
Quando ao sol da batalha a frente erguia,  
E o corcel gotejante de suor  
Entre sangue e cadáveres corria!  
O gênio das pelejas parecia...  
Perdoai-lhe, Senhor!

Onde mais vivo em peito mais valente  
Num coração mais livre o sangue ardente  
Ao fervor desta América bulhava?

Era um leão sangrento que rugia:  
Da guerra nos clarins se embriagava –  
E vossa gente – pálida recuava  
Quando ele aparecia!

Era filho do povo – o sangue ardente  
Às faces lhe assomava incandescente  
Quando cismava do Brasil na sina...  
Ontem – era o estrangeiro que zombava,  
Amanhã – era a lâmina assassina,  
No cadafalso a vil carnificina  
Que em sangue jubilava!

Era medonho o rubro pesadelo!  
Mas nas fronteiras venais do gênio o selo  
Gravaria o anátema da história!  
Dos filhos da nação a rubra espada  
No sangue impuro da facção inglória  
Lavaria dos livres na vitória  
A mancha profanada!

A frente envolta em folhas de loureiro  
Não a escondemos, não!... Era um guerreiro!  
Despiu por uma idéia a sua espada!  
Alma cheia de fogo e mocidade,  
Que ante a fúria dos reis não se acovarda,  
Sonhava nesta geração bastarda  
Glórias... e liberdade!

Tinha sede de vida e de futuro;  
Da liberdade ao sol curvou-se puro  
E beijou-lhe a bandeira sublimada:  
Amou-a como a Deus, e mais que a vida!  
- Perdão para essa frente laureada!  
Não lanceis à matilha ensangüentada  
A águia nunca vencida!

Perdoai-lhe, Senhor! Quando na história  
Vedes os reis se coroar de glória  
Não é quando no sangue os tronos lavam  
E envoltos no seu manto prostituto  
Olvidam-se das glórias que sonhavam!  
Para esses – maldição! Que o leito cavam  
Em lodaçal corrupto!

Nem sangue de Ratcliffe o fogo apaga  
Que as fronteiras populares embriaga,  
Nem do herói a cabeça decepada,



Imunda, envolta em pó, no chão da praça,  
Contraída, amarela, ensangüentada,  
Assusta a multidão que ardente brada  
E tronos despedaça!

O cadáver sem bênçãos, insepulto,  
Lançado aos corvos do ervaçal inculto,  
A fronte varonil do fuzilado  
Ao sono imperial co'os lábios frios  
Podem passar no escárnio desbotado –  
Ensangüentar-te a seda ao cortinado  
E rir-te aos calefrios!

Não escuteis essa facção ímpia  
Que vos repete a sua rebeldia...  
Como o verme no chão da tumba escura  
Convulsa-se da treva no mistério;  
Como o vento do inferno em água impura  
Com a boca maldita vos murmura:  
“Morra! salvai o império!”

Sim, o império salvai, mas não com sangue!  
Vede – a pátria debruça o peito exangue  
Onde essa turba corvejou, cevou-se!  
Nas glórias do passado eles cuspiram!  
Vede – a pátria ao Bretão ajoelhou-se,  
Beijou-lhe os pés, no lodo mergulhou-se!  
Eles a prostituíram!

Malditos! do presente na ruína  
Como torpe, despida Messalina  
Aos apertos infames do estrangeiro,  
Traficam dessa mãe que os embalou!  
Almas descritas do sonhar primeiro  
Venderiam o beijo derradeiro  
Da virgem que os amou!

Perdoai-lhe, Senhor! nunca vencido,  
Se em ferros o lançaram foi traído!  
Como o Árabe além no seu deserto,  
Como o cervo no páramo das relvas,  
Ninguém os trilhos lhe seguira ao perto  
No murmúrio das selvas!

Perdão! por vosso pai! que era valente,  
Que se batia ao sol co'a face ardente,  
Rei – e bravo também! e cavaleiro!  
Que da espada na guerra a luz sabia  
E ao troar dos canhões intumescia

O peito de guerreiro!

Perdão, por vossa mãe! por vossa glória!  
Pelo vosso porvir e nossa história!  
Não mancheis vossos louros do futuro!  
Nem lisonjeiro incenso a nódoa exime!  
Lava-se o poluir de um leito impuro,  
Lava-se a palidez do vício escuro –  
Mas não lava-se um crime!

Rio de Janeiro, novembro de 1850.

\*

### SONETOS

Perdoa-me, visão dos meus amores,  
Se a ti ergui meus olhos suspirando!...  
Se eu pensava num beijo desmaiando  
Gozar contigo uma estação de flores!

De minhas faces os mortais palores,  
Minha febre noturna delirando,  
Meus ais, meus tristes ais vão revelando  
Que peno e morro de amorosas dores...

Morro, morro por ti! Na minha aurora  
A dor do coração, a dor mais forte,  
A dor de um desengano me devora...

Sem que a última esperança me conforte,  
Eu – que outrora vivia! – eu sinto agora  
Morte no coração, nos olhos morte!

\*

Ó páginas da vida que eu amava,  
Rompei-vos! nunca mais! tão desgraçado!...  
Ardei, lembranças doces do passado!  
Quero rir-me de tudo que eu sonhava!

E que doido que eu fui! como eu pensava  
Em mãe, amor de irmã! Em sossegado  
Adormecer na vida acalentado  
Pelos lábios que eu tímido beijava!

Embora – é meu destino. Em treva densa  
Dentro do peito a existência finda...  
Pressinto a morte na fatal doença!...

A mim a solidão da noite infinda!  
Possa dormir o trovador sem crença...  
Perdoa, minha mãe – eu te amo ainda!

\*

Já da morte o palor me cobre o rosto,  
Nos lábios meus o alento desfalece,  
Surda agonia o coração fenece,  
E devora meu ser mortal desgosto!

Do leito embalde no macio encosto  
Tento o sono reter!... já esmorece  
O corpo exausto que o repouso esquece...  
Eis o estado em que a mágoa me tem posto!

O adeus, o teu adeus, minha saudade,  
Fazem que insano do viver me prive  
E tenha os olhos meus na escuridade.

Dá-me a esperança com que o ser mantive!  
Volve ao amante os olhos por piedade,  
Olhos por quem viveu quem já não vive!

\*

Pálida, à luz da lâmpada sobria,  
Sobre o leito de flores reclinada,  
Como a lua por noite embalsamada,  
Ente as nuvens do amor ela dormia!

Era a virgem do mar! na espuma fria  
Pela maré das águas embalada!  
Era um anjo entre nuvens d'alvorada  
Que em sonhos se banhava e se esquecia!

Era mais bela! o seio palpitando...  
Negros olhos as pálpebras abrindo...  
Formas nuas no leito resvalando...

Não te rias de mim, meu anjo lindo!  
Por ti – as noites eu velei chorando,  
Por ti – nos sonhos morrerei sorrindo!